

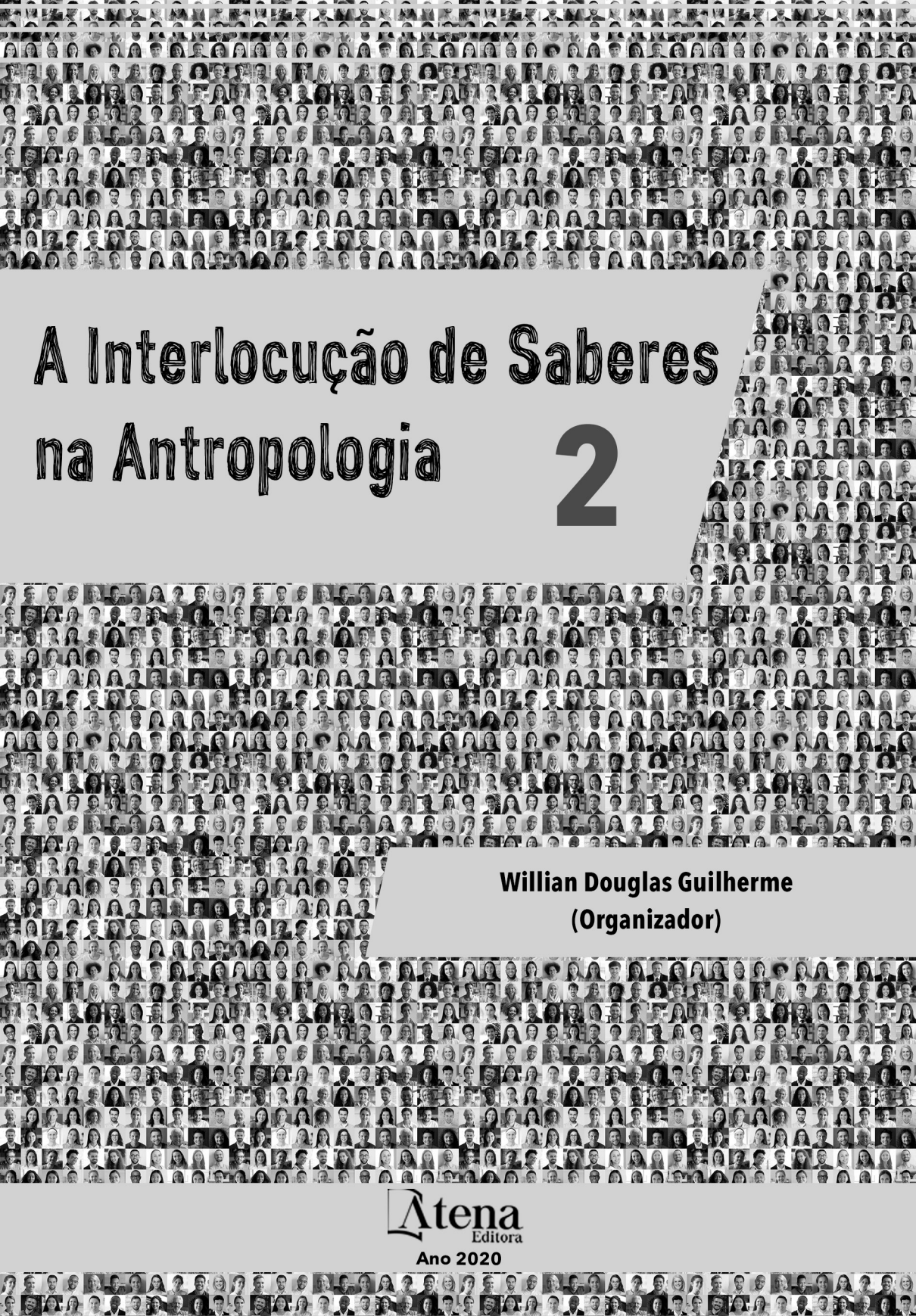


# A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



# A Interlocução de Saberes na Antropologia

# 2

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Willian Douglas Guilherme

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I61 A interlocução de saberes na antropologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-375-0

DOI 10.22533/at.ed.750201109

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Neste segundo Volume de “A Interlocução de Saberes na Antropologia” foram selecionados 18 artigos, o dobro do primeiro Volume, publicado em 2019. A intenção é ampliar o debate acadêmico por meio da divulgação dos resultados da pesquisa antropológica. Assim como no primeiro Volume, esta publicação mantém a característica crítica e direta que é a marca desta coletânea.

Os artigos trazem possibilidades diversas, discutindo dentro do viés antropológico, temáticas relativas aos saúde e povos indígenas, cultura, resistência negra e quilombos. Os artigos debatem seus objetos dialogando intensamente com o leitor, provocando, instigando a inquietação diante os resultados apresentados.

Ainda, temas como ciências da computação, processo judiciais, globalização, mudança no hábito alimentar e assédio sexual também são intensamente discutidos. É uma obra que precisa ser divulgada e referenciada.

Convido a navegarem pelo índice e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| A ANTROPOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  |           |
| <i>Roberta Brandalise</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011091</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>26</b> |
| A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE GESTORES NO CAMPO DA SAÚDE INDÍGENA  |           |
| <i>Marcos Antonio Braga de Freitas</i>   |           |
| <i>Ana Paula Barbosa Alves</i>   |           |
| <i>Ariosmar Mendes Barbosa</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011092</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>40</b> |
| ANTROPOLOGIA NAS PERÍCIAS: APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA NO ÂMBITO DE PROCESSOS JUDICIAIS               |           |
| <i>Cíntia Beatriz Müller</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011093</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>51</b> |
| ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS E O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A LEI Nº 13.718/2018                        |           |
| <i>Ester Rocha de Sousa</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011094</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>63</b> |
| CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS |           |
| <i>Gabriel dos Santos Landa</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011095</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>76</b> |
| COMUNIDADES TRADICIONAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NO SUL DO AMAZONAS  |           |
| <i>Cloves Farias Pereira</i>   |           |
| <i>Thereza Cristina Menezes Cardoso</i>  |           |
| <i>Suzy Cristina Pedroza da Silva</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011096</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>89</b> |
| CURSO DE GESTÃO EM SAÚDE COLETIVA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA  |           |
| <i>Ana Paula Barbosa Alves</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7502011097</b>   |           |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 8.....</b>  | <b>104</b> |
| DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA  |            |
| Eliane Miranda Costa  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.7502011098   |            |
| <b>CAPÍTULO 9.....</b>  | <b>117</b> |
| ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO   |            |
| Ariosmar Mendes Barbosa   |            |
| Marcos Antonio Braga de Freitas   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.7502011099   |            |
| <b>CAPÍTULO 10.....</b>   | <b>130</b> |
| HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC   |            |
| José Raul Staub   |            |
| Adelcio Machado dos Santos  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.75020110910  |            |
| <b>CAPÍTULO 11.....</b>   | <b>145</b> |
| NOVAS CENTRALIDADES, NOVAS PERIFERIAS: NARRATIVAS DE FUGA NA FRONTEIRA ENTRE TERRITÓRIOS DA ZONA OESTE DE MONTEVIDÉU  |            |
| Romina Pedreira Cabrera   |            |
| Valeria Giménez Carratú   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.75020110911  |            |
| <b>CAPÍTULO 12.....</b>   | <b>161</b> |
| O CONCEITO DE CULTURA EM FOCO   |            |
| Adelcio Machado dos Santos  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.75020110912  |            |
| <b>CAPÍTULO 13.....</b>   | <b>168</b> |
| O HOME CARE DECIDIDO PELOS TRIBUNAIS: OUTRAS FACES E DILEMAS DA JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE   |            |
| Luísa Paim Martins  |            |
| Leonardo do Amaral Pedrete  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.75020110913  |            |
| <b>CAPÍTULO 14.....</b>   | <b>183</b> |
| O IMPÉRIO DOS SIMULACROS E A COMIDA “FRANKENSTEIN”... TEM “GOSTO”, “CHEIRO” E “COR” DE FRUTA, MAS NÃO É FRUTA – UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DOS SENTIDOS DO ATO ALIMENTAR |            |
| Sophia Sartini Fernandes de Oliveira  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.75020110914  |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 15.....</b>   | <b>204</b> |
| OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS: A PRESENÇA INCÔMODA DOS<br>CORPOS MODIFICADOS EM <i>BLOGS</i> |            |
| Juliana Abonizio  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.75020110915</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 16.....</b>   | <b>211</b> |
| PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM<br>BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS  |            |
| Jamile Borges da Silva  |            |
| Tayra Fonseca Rezende   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.75020110916</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 17.....</b>   | <b>222</b> |
| REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA  |            |
| Adriana Elisa Bozzetto  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.75020110917</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 18.....</b>   | <b>229</b> |
| RITUAL DE TOBÓSSIS: BANCADA, BARCO E INICIAÇÃO DAS PRINCESAS<br>AFRICANAS                     |            |
| Tayná do Socorro da Silva Lima  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.75020110918</b>   |            |
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>   | <b>263</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>  | <b>264</b> |

# CAPÍTULO 9

## ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO

*Data de aceite: 24/08/2020*

### **Ariosmar Mendes Barbosa**

Universidade Federal de Roraima – UFRR  
Boa Vista-RR  
<http://lattes.cnpq.br/7099283684615132>

### **Marcos Antonio Braga de Freitas**

Universidade Federal de Roraima – UFRR  
Boa Vista-RR  
<http://lattes.cnpq.br/4061174838028617>

A versão preliminar do texto foi apresentada na XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, entre os dias 22 a 25/07/2019, na UFRGS, em Porto Alegre/RS.

**RESUMO:** A economia é definida como o estudo da forma como a sociedade administra seus recursos, que são limitados, mediante às necessidades e desejos humanos, que são ilimitados. A sociedade contemporânea vive um momento em que o consumo tem sido estimulado às pessoas de forma bastante agressiva, para a manutenção do sistema econômico das grandes potências mundiais. Ocorre que o consumo tem relação direta com os recursos naturais, ou seja, a produção de bens e serviços para o consumo dessa nova sociedade requer o uso das estruturas desses recursos para sustentar o seu novo modo de vida. Nesse modelo, o sujeito que tem valor é o que consome. Quem não compra muitas coisas, quem não consome, não tem valor. Nessa dinâmica da globalização, os países desenvolvidos necessitam desses recursos para

manter seu poderio industrial e em geral não há a disponibilidade para tal. Como então solucionar essa equação? Em geral, esses países usam de sua pujança de poder para influenciar países subdesenvolvidos no uso de seus recursos naturais. É preciso, portanto, repensar em um novo modelo de sociedade, capaz de equilibrar consumo e os impactos ao meio ambiente. A estrutura teórico-metodológica deste trabalho fundamenta-se numa revisão literária a cerca das características e problemas centrais da economia global, em face aos impactos causados no meio ambiente. As leituras realizadas permitem afirmar que a economia traduz-se, de modo geral, na maneira como pessoas, empresas e governos, numa sociedade, fazem escolha e que, portanto, essas escolhas influenciam diretamente na forma como a sociedade se comporta. Em suma, essa discussão destaca a necessidade da sociedade, nos tempos atuais, avaliar de forma mais consciente os impactos das ações e escolhas individuais, de fato que permita a sustentabilidade dos recursos e os benefícios à vida que eles trazem. A proposta deste artigo é fazer uma reflexão a cerca dos desafios do mundo atual frente a este modelo de sociedade consumista, sobretudo no aspecto da escassez de recursos naturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia, Consumo, Globalização.

## ECONOMY, CONSUMPTION AND SCARCITY OF NATURAL RESOURCES: THE CHALLENGES OF THE GLOBALIZED WORLD

**ABSTRACT:** Economics is defined as the study of how society manages its resources, which are limited by human needs and desires, which are unlimited. Contemporary society lives a moment when consumption has been stimulated to people in a very aggressive way, for the maintenance of the economic system of the great world powers. It happens that consumption is directly related to natural resources, that is, the production of goods and services for the consumption of this new society requires the use of the structures of these resources to sustain their new way of life. In this model, the subject who has value is the one who consumes. Who does not buy many things, who does not consume, has no value. In this dynamic of globalization, developed countries need these resources to maintain their industrial power and in general there is no availability for this. How then to solve this equation? In general, these countries use their power to influence underdeveloped countries in the use of their natural resources. It is therefore necessary to rethink a new model of society, capable of balancing consumption and impacts on the environment. The theoretical-methodological structure of this work is based on a literary review about the central characteristics and problems of the global economy, in view of the impacts caused on the environment. The readings made allow us to affirm that the economy translates, in general, in the way people, companies and governments, in a society, make choices and that, therefore, these choices directly influence the way society behaves. In short, this discussion highlights the need for society, at the present time, to assess more consciously the impacts of individual actions and choices, in fact that allows the sustainability of resources and the benefits to life that they bring. The purpose of this article is to reflect on the challenges of the current world in the face of this model of consumer society, especially in the aspect of the scarcity of natural resources.

**KEYWORDS:** Economy, Consumption, Globalization.

### 1 | INTRODUÇÃO

O atual momento que a sociedade contemporânea vive passa por uma contradição entre o modelo de desenvolvimento conduzido pelas grandes potências mundiais e a preocupação com o meio ambiente. O desafio dessa sociedade é buscar alternativas que conciliem utilização de recursos naturais e o consumo na perspectiva do que vem sendo chamado de desenvolvimento sustentável, em uma lógica racional do sistema capitalista que traduz no socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente sustentável.

Ressalte-se que a ECO Rio 1992, a Conferência Mundial do Meio Ambiente foi uma das ações que o mundo encontrou para discutir as consequências ambientais e o consumismo do final do século XX. Nesse evento, foram criadas estratégias e acordos multilaterais de pactuação para reduzir da destruição do meio ambiente, a exemplo do efeito estufa nas mudanças climáticas, e conseqüentemente enfrentar a

escassez de recursos naturais. Essa mesma cúpula dos países mais industrializados do mundo se reuniu novamente no evento Rio +20, em 2012 para avaliar os avanços em defesa dos ecossistemas e meio ambiente no mundo contemporâneo. Apesar de todo esse aparato jurídico e institucional de acordos globais, pouco se tem feito para cumprir a agenda.

O mundo globalizado, na perspectiva de Milton Santos (2012) do século XXI tem inúmeros desafios desde a preservação do Planeta, pensando em um consumo planejado, além de equilibrar a utilização dos recursos naturais para evitar a sua escassez total e ameaça ao bem viver das futuras gerações.

Essa economia que o sistema capitalista produz e busca no consumidor a lógica mercadológica e na própria natureza a matéria prima de recursos naturais. Não resta dúvida que esse consumismo do mundo globalizado tem provocados transformações do meio ambiente a partir de ações antrópicas como também pela própria indústria de produtos manufaturados.

A proposta do texto é buscar no conceito da economia e no contexto da sociedade contemporânea como as ideias de escassez de recursos naturais e consumo são trabalhados na chamada globalização do mundo moderno.

## **2 | A ECONOMIA E A LEI DA ESCASSEZ DE RECURSOS**

A palavra Economia vem do termo grego '*Oikonomos*' e pode ser entendida como 'a administração de um lar', sob o entendimento de que, assim como uma família precisa tomar decisões para que o lar seja gerido, uma sociedade precisa e deve tomar muitas decisões. Para Mankiw (2004), de forma comparativa, como cada membro de uma família não pode ter tudo o que deseja, cada indivíduo de uma sociedade não pode ter um padrão de vida alto ao qual aspire.

As pessoas que formam uma sociedade, têm necessidades de consumo relacionadas a diversos bens ou serviços como alimentação, vestuário, medicamentos, serviços de lazer, eletrodomésticos, entre outras. Essas necessidades, em regra, são ilimitadas ou infinitas, já que o desejo de um indivíduo é incessante.

Para atender as necessidades das pessoas de uma sociedade, as empresas produzem bens e prestam serviços que são comprados e consumidos por elas. Porém, a capacidade de produção desses bens e serviços é limitada, ao contrário do indivíduo, que tem necessidades ilimitadas. Esta capacidade limitada das empresas ocorre porque elas têm escassez de recursos como matérias-primas, mão de obra, dinheiro, energia elétrica, máquinas, equipamentos, dentre outros, para a produção de bens e serviços que os indivíduos necessitam.

Sob o aspecto do sistema produtivo para a produção de bens e serviços para o consumo, podemos entender que os recursos escassos são os insumos ou



mesmo os fatores de produção utilizados no processo produtivo para obter outros bens, destinados à satisfação das necessidades dos consumidores.

Na economia, entende-se por fatores de produção: terra, ou recursos naturais; trabalho, ou recursos humanos e capital. Esses fatores têm influência direta na produção, os quais são utilizados para satisfazer as nossas necessidades. Quando os três fatores estão em harmonia, a produção poderá estar crescente. Assim, observa-se a terra como fator originário e com uma riqueza incalculável para o ser humano; o trabalho como forma de conseguir os bens econômicos, e por fim o capital, que só com ele pode se concluir o ciclo produtivo.

A sociedade vem evoluindo e, com isso, surgiram dois novos fatores de produção, defendido por muitos autores, denominado de empresa ou capacidade empresarial, que representa a organização econômica que tem a função de reunir ou combinar os fatores tradicionais da produção terra, trabalho e capital; e a tecnologia, devido a condição que o mundo que vive atualmente, ou seja, com uma forte capacidade tecnológica.

Em razão da escassez, são necessárias escolhas, visto que não é possível produzir tudo aquilo que as pessoas desejam. Então, devem ser elaborados mecanismos que auxiliem as sociedades a decidir quais bens serão produzidos e quais necessidades serão atendidas. Esse é o princípio fundamental da Economia, alocar os recursos de forma que atenda da melhor forma possível os anseios e demandas da sociedade. Portanto, a escassez é o problema econômico central de qualquer sociedade, principalmente nos tempos atuais, onde os elementos ambientais e o uso dos recursos naturais estão a todo vapor.

Ora, se os recursos são escassos e os desejos ilimitados, podemos afirmar então que a sociedade vive um dilema: como administrar os recursos, que são limitados, em uma sociedade onde não está havendo limites para o consumo? Como equilibrar essa relação economia e meio ambiente nesse atual modelo de sociedade?

### **3 I ESCASSEZ DE RECURSOS E O CONSUMO**

Datava a década de 1790 quando Thomas Malthus profetizou sobre a escassez de alimentos, ao defender que, enquanto a população crescería em progressão geométrica, a produção de alimentos crescería de forma aritmética. Isso causaria um colapso e uma drástica escassez de alimentos e, como consequência, a fome. Portanto, inevitavelmente o crescimento populacional deveria ser controlado. Logicamente essa teoria não se concretizou, pois a Revolução Verde do século XIX fez aumentar a produtividade de alimentos aliado à preservação da natureza.

Ressalte-se, entretanto, que na atualidade suas ideias ainda permeiam o

capitalismo corrente. A escassez de alimentos tem sido um dos principais problemas mundiais, não pela falta dele, mas principalmente pela má distribuição de renda e pelas ineficazes políticas econômicas que promovem a desigualdade social.

Atrelado a isso, o alto consumo da atual sociedade por produtos supérfluos tem exercido enormes pressões ao meio ambiente e impactos aos recursos naturais do planeta.

Para Lopes (2011), historicamente, a alteração do homem sobre a natureza parte da intenção econômica, excluindo o discurso do seu real uso sobre o espaço, o que compreende uma demanda de desenvolvimento pautada nas intenções do modo de produção. Durante a Revolução Industrial, o homem passou a explorar cada vez mais os recursos naturais e aumentar a emissão de gases para a superfície da atmosfera, em resposta, o processo de aquecimento intensificou-se.

A partir de então, tornamos uma sociedade de consumidores. Nossa principal identidade atualmente é o consumo e o nosso valor é medido pelo quanto contribuimos para esse consumo e, conseqüentemente, para a manutenção dos sistemas econômicos. Enquanto mais você consome, mais bem posicionado você está na sociedade e vice-versa.

Uma emblemática fala feita pelo economista Victor Lebow em 1955 destaca que,

Nossa economia enormemente produtiva exige que façamos do consumo o nosso modo de vida, que convertamos a compra e o uso de bens em rituais, que busquemos a nossa satisfação espiritual, satisfação do nosso ego, consumo. Precisamos de coisas consumidas, queimadas, substituído e descartado a uma taxa cada vez mais acelerada (LEBOW, 1955, p.02).

Nesse modelo, o lucro e o consumo em massa estão à frente de qualquer coisa. De acordo com Pereira e Horn (2009), os produtos são fabricados com prazo de durabilidade cada vez mais curtos, para que percam suas propriedades em um tempo cada vez mais curto, exigindo do consumidor trocá-los por outros. O conserto de produtos é desincentivado. Trocá-lo por um novo é a linha de pensamento, sem que sejam verificados os danos ao meio ambiente, resultante dos rejeitos e da utilização de matéria-prima e de materiais poluentes, utilizados para sua produção.

O meio ambiente é deixado de lado. O que importa é produzir e consumir. Danos ao meio ambiente são problemas criados pelos denominados, ou pejorativamente chamados de “ecochatos”. Ou seja, se está diante de uma produção sem ética social e, muito menos, ambiental.

Porém, é importante destacar que esse modelo vem ancorado no uso demasiado dos recursos naturais. Em regra, as grandes potências econômicas precisam de muitos desses recursos naturais para poder sustentar seu poderio

industrial. Então como equalizar essa questão? Como manter esse modelo consumista atual, sendo que alguns países desenvolvidos não possuem os recursos necessários para manter esse modelo?

A resposta seria tomar dos outros, principalmente dos países emergentes sob a justificativa de que a exploração demasiada dos recursos naturais pode trazer desenvolvimento pleno, ou seja, destrói-se o terceiro mundo para sustentar o primeiro mundo. Os países da América Latina, dentre eles o Brasil, considerados como parte da periferia da economia mundial, têm esse papel de produzir alimentos e matérias primas para os grandes centros industriais. Essa tese se justifica, principalmente quando Prebisch (1949) afirma que,

As grandes vantagens do desenvolvimento da produtividade não chegaram à periferia em medida comparável ao que lograram desfrutar as populações dos grandes países. Daí as diferenças tão acentuadas entre os níveis de vida das massas nestes e naquela, e as notórias discrepâncias entre suas respectivas forças de capitalização, uma vez que a margem de poupança depende, primordialmente, do aumento da produtividade (PREBISCH, 1949, p. 48)

Para Carleial (2010), a partir dos anos 1990 do século passado, as políticas de ajuste estrutural impostas aos países subdesenvolvido tem e ampliando a vulnerabilidade de suas economias. De um lado, a dominância da política monetária controla a inflação e os gastos públicos e a agenda neoliberal produz um processo de privatização das empresas estatais; de outro, os países subdesenvolvidos sofrem um processo de maior fragilização, pois, na corrida por atrair investimentos diretos estrangeiros, é preciso mostrar-se competitivo e reduzir mais ainda os direitos sociais em vigor.

Reforçando esse argumento, vale dizer que a extração global de recursos da natureza para alimentar a enlouquecida produção econômica global aumentou oito vezes ao longo do século 20. Atualmente, a extração de recursos naturais alcança 75 bilhões de toneladas anuais – uma média de dez toneladas per capita. (Oliveira, 2017).

Portanto, é perceptível que a atual sociedade não consegue ver além do consumo, sem pensar em outra coisa do que simplesmente comprar e consumir, tornando-se uma sociedade individualista, em que o social passa ao largo da felicidade buscada. O indivíduo pensa em si e para si, onde os que possuem forças – econômicas – para consumir, têm mais poder sobre aqueles que não conseguem consumir em igual nível (Pereira e Horn, 2009).

## 4 | A GLOBALIZAÇÃO NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE NOS DIAS ATUAIS

Em um mundo globalizado e com os avanços tecnológicos em níveis inimagináveis, o sistema capitalista, sem mudar suas características originais, se fortalece a cada instante, ora disfarçando-se através de ideologias neoliberais, pregando o desenvolvimento sustentável, defendendo o emprego digno e renda para todos, ora mostrando sua face cruel e fria sem esconder seus reais objetivos que é o acúmulo incomensurável e a qualquer custo de bens e riquezas, gerados a partir da exploração do ser humano, da destruição do meio ambiente e dos recursos naturais do planeta (Tomaz, 2010)

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Porém, para Santos (2012), o que estamos vendo é o fortalecimento do estado para atender aos anseios das finanças e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil.

Nesse modelo, como já informado anteriormente, o sistema capitalista é preponderante, ou seja, quem não compra muitas coisas não tem valor. O valor a uma pessoa é atribuído ao seu poder de compra. No entanto, para Echegaray (2011), este modelo vem ancorado em premissas erradas: mais consumo, mais poluição, mais desigualdade social e infelicidade pessoal, crescimento em vez de bem-estar.

Buscando estabelecer o crescimento econômico com a promessa de suprir as necessidades essenciais dos seres humanos, a atividade industrial global, conduzida pelos gestores da economia moderna, não tem respeitado os limites da natureza, por isso ocorre a ultrapassagem sem moderação em relação às fronteiras ecossistêmicas. É certo, no entanto, que todo esse movimento desregrado consequentemente faz adoecer de forma grave o planeta terra (Oliveira, 2017).

A partir da década de 1980, começou-se alguns questionamentos mundo a fora a respeito dos países com abundância de recursos naturais e suas incapacidades de desenvolvimento econômico. Surgiu então a *'teoria da maldição dos recursos naturais'*, ou seja, como países ricos em recursos naturais não foram capazes de usar essa riqueza para impulsionar suas economias e como consequência, tiveram um crescimento econômico menor do que países sem uma abundância de recursos naturais? Teria então ligação entre a abundância de recursos naturais e o baixo crescimento econômico?

Para Verissimo e Xavier (2014, *apud* Castellaneli, 2016), a maldição dos recursos naturais está vinculada ao argumento de que o súbito aumento da renda decorrente da exploração dos recursos cria uma falsa ideia de segurança e

enfraquece a necessidade percebida de investimento e de promoção de estratégias de crescimento.

Desta forma, países ricos em recursos naturais tendem a desenvolver políticas protecionistas, com burocracia e ineficiência na utilização dos recursos, acarretando menores taxas de investimento, e, conseqüentemente, menor crescimento econômico. Além disso, a tendência secular de declínio da relação entre os preços das exportações dos produtos primários e dos manufaturados, e a maior elasticidade-renda da demanda por manufaturados também dificultam o crescimento baseado em recursos naturais.

O fato é que a abundância em recursos naturais não necessariamente está vinculado ao desenvolvimento econômico. Atrelado a essa abundância, é necessário que o país tenha a capacidade de transformar essa vantagem comparativa em investimentos tecnológico e, principalmente em retornos de infraestrutura para a melhoria de qualidade de vida para sua população, o que geralmente não acontece.

Mankiw (2004), afirma que em países onde os trabalhadores podem produzir uma grande quantidade de bens e serviços por unidade de tempo, a maioria das pessoas desfruta de padrões de vida elevados; em nações onde os trabalhadores são menos produtivos, a maioria das pessoas precisa enfrentar uma existência com maior escassez e, portanto, menos conforto. De forma semelhante, a taxa de crescimento da produtividade de um país determina a taxa de crescimento de sua renda média.

A exemplo disso temos o Brasil, onde temos uma das áreas mais agricultáveis do mundo. De acordo com Rossetti (1997, *apud* Silva e Martinelli 2012), apenas 35,3% do nosso solo não é produtivo, logo poderíamos ser líderes em várias áreas da atividade primárias. Porém, na prática, não é isso que acontece. Apesar de todo esse potencial de sermos o maior celeiro agrícola do mundo, as políticas públicas não conseguem converter esse potencial em ações afirmativas que ajudem a impulsionar o país a uma grande potência mundial.

A outra questão a ser observada, é que analisando a economia através de dados numéricos, o indicador do PIB é o mais utilizado, pois nos dá a ideia do ritmo em que o país produz riqueza. É também o indicador da capacidade da economia em gerar postos de trabalho e medir a evolução de preços, dando a ideia de evolução do poder de compra da população.

No entanto, tais números ainda não conseguem ainda compreender o desgaste do uso da natureza, fato que este 'desenvolvimento' não necessariamente presume qualidade de vida para todo o corpo social. Para Feijó (et. al,2012), o PIB não foi criado para medir o progresso, o bem-estar ou a qualidade de vida, mas tão somente para medir o crescimento econômico, através de transações que possam ser mensuradas em valores monetários.

Há vários anos foi criado o conceito do *'Desenvolvimento Sustentável'*, que pregava a necessidade da manutenção dos recursos naturais para usufruto pela geração futura. Atualmente essa geração futura se tornou a presente e vem usando esses recursos para o seu bem-estar social. E o que acontecerá com a próxima geração? Com esse ritmo desenfreado de consumo e uso demasiado dos recursos, terá a oportunidade de manter esse bem-estar?

## 5 I EM BUSCA DE UM NOVO MODELO DE GLOBALIZAÇÃO

Parece utopia, mas dizer que o mundo precisa se reinventar está cada vez ganhando mais força. Para Santos (2012), podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana.

No entanto, a convergência entre ecologia e economia não é tarefa fácil, principalmente nos tempos atuais. Ela exige muito mais que o uso de uma razão instrumental capaz de tomar decisões adequadas, tal como sugere o neoliberalismo com sua reivindicação da eficácia intrínseca do mercado. Ela demanda uma mudança profunda do comportamento e da mentalidade de todos os atores, sejam estes pertencentes ao mercado, ao Estado ou à sociedade civil (Viola et. al, 2002).

É premente se pensar em um modelo que atenda às necessidades básicas do indivíduo, proporcionando-o de condições de qualidade compatíveis com a fase que o mundo vem vivendo. Porém, é preciso criar mecanismos de mitigação dos efeitos causados por esse desenvolvimento. Para que isso aconteça, é necessária uma grande conscientização mundial.

Da parte do indivíduo, cabe conscientizá-lo da importância de se pensar formas de diminuir seu impacto sobre o meio ambiente. Pequenas atitudes que ajudem o meio ambiente se tornam grandes se cada um fizer sua parte. É necessária a busca de novos paradigmas, de uma racionalidade na relação de consumo que busque a sustentabilidade, onde o homem e natureza caminhem lado a lado.

Tão importante quanto a relação do consumidor é rever o modelo econômico atual. A ECO Rio 1992, a Conferência Mundial do Meio Ambiente foi uma das ações que o mundo encontrou para discutir as consequências ambientais e consumismo do final do século XX. Nesse evento, foi criada a Agenda 21, que é um conjunto de ações para se implementar o desenvolvimento sustentável. A agenda, segundo suas próprias palavras, está voltada para os problemas prementes de hoje e tem objetivo, ainda, de preparar o mundo para os desafios do próximo século (Capítulo I, preâmbulo). Como resultado do evento, foram criadas estratégias e pactuados acordos multilaterais para reduzir a destruição do meio ambiente. Segundo a agenda, todos os países devem empenhar-se na promoção de padrões sustentáveis de consumo, bem como os países desenvolvidos devem assumir a liderança na

obtenção de padrões sustentáveis de consumo. Essa mesma cúpula se reuniu novamente no evento Rio +20, em 2012 para avaliar os avanços em defesa dos ecossistemas e meio ambiente no mundo contemporâneo.

Porém, de acordo com Barbieri (2007), muito do que foi tratado na Agenda 21 ainda não saiu do papel. Muitos chefes de governo apoiaram as propostas e acordos internacionais, mesmo contrários às suas convicções e compromissos partidários, face às pressões exercidas pela exposição dos temas na mídia internacional, porém, na prática, como era de se esperar, pouco fizeram depois para ratificá-las e implementá-las em seus países.

Apesar dessa contradição citada acima, algumas alternativas vêm sendo construídas e implementadas mundo afora que buscam esse equilíbrio. A construção de cidades sustentáveis, por exemplo, implica também em grandes investimentos em obras de estruturação da ocupação, da destinação final do lixo e do saneamento ambiental, que não rendem votos na mesma proporção que os recursos destinados ao consumo de geladeiras, televisores, bolsa-família, transporte gratuito, entre outros (Pereira e Horn, 2009). Para Arendt<sup>1</sup>:

A vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente. As coisas e os homens constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização; e, no entanto, este ambiente, o mundo ao qual viemos não existiria sem a atividade humana que o produziu, como no caso de coisas fabricadas; que dele cuida, como no caso das terras de cultivo; ou que o estabeleceu através da organização, como no caso do corpo político. Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos (ARENDR, 2001, p. 31).

Na visão de Arendt, todo ser humano precisa viver em comunidade, ou seja, em sociedade, mas é necessário que esse homem compreenda o sistema natural, compreenda que é parte desse sistema, que é parte da complexidade que envolve esse sistema.

Portanto, um novo mundo é possível.

Para Pereira e Horni (2009), é necessário a melhoria das condições de vida e de trabalho das populações menos favorecidas, dando-lhes condições de saúde, acesso à educação, nos três níveis de ensino, à cultura e ao lazer. Vê-se que a melhor forma de tratar essa questão é assegurar a participação de todos os cidadãos interessados, tanto em nível nacional como internacional, pois é preciso que haja integração entre povos e nações.

---

1 ARENDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 31.

Acredita-se que poderá haver harmonia entre o ser humano e o meio ambiente; para isso é preciso que exista uma nova consciência, e o homem tenha em mente que não é ser supremo, mas que deve valorizar o meio em que vive. Só assim se chegará à tão sonhada harmonia entre povos e natureza.

É preciso reescrever a história, retirar dos confins da alma humana uma nova concepção de mundo, fazer com que esse mundo ressurgja, e que todas as gerações possam usufruir o mesmo. Assim, para mudar a vida é preciso reinventá-la. A história não é feita pelo conformismo, ela depende da criação do novo, da busca de novos caminhos e de novos ideais.

## 6 | CONCLUSÃO

Conclui-se nessa análise a partir de leituras bibliográficas e percepção dos próprios autores, que a sociedade contemporânea e o mundo globalizado têm desafios que passam pelo uso racional do meio ambiente, controle do consumo, planejamento do uso de recursos naturais, entre outros.

Entretanto, os países mais ricos do mundo têm responsabilidade maior para manter a proteção e responsabilidade ambiental do Planeta. Não resta dúvida que a sociedade também tem seu papel em defesa e proteção do meio ambiente.

Ressalte-se que o crescimento econômico passa também por uma reinvenção na sua contemporaneidade, a exemplo de outros modelos alternativos de matriz energética, a exemplo da solar, eólica, biomassa, etc., a expansão da indústria de resíduos sólidos para reaproveitamento do “lixo” produzido pelo consumo de bens manufaturados; o reflorestamento pela escassez de recursos naturais.

Os acordos multilaterais no que se refere às mudanças climáticas são imprescindíveis no planejamento de políticas públicas comprometidas com o bem viver da população.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**: as estratégias de mudanças da Agenda 21 / José Carlos Barbieri. – 7. ed. Revisada e atual – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.  
BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Agenda 21 Global. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global>>. Acesso em 16 jun 2019.

CARLEIAL, Liana Maria da Frota. **Subdesenvolvimento e mercado de trabalho**: uma análise a partir do pensamento latino-americano. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. 2010, p. 126-157



CASTELLANELLI, Carlo Alessandro. **Relações da teoria da maldição dos recursos naturais com o fenômeno emergente do landgrabbing**". Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (julio-septiembre 2016). Disponível em <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/03/landgrabbing.html>>. Acesso em 16 jun 2019.

ECHEGARAY, Fabián. **A crise ambiental e o impacto sobre o capitalismo**. Disponível em: <<http://www.ideiasustentavel.com.br/2011/04/a-crise-ambiental-e-o-impacto-sobre-ocapitalismo/>>. Acesso em 15 jun 2019.

FEIJÓ, Carmem Aparecida et. al. **Além do PIB: uma visão crítica sobre os avanços metodológicos na mensuração do desenvolvimento sócio econômico e o debate no Brasil contemporâneo**. Estatística e Sociedade, Porto alegre, p.42-56, n.2, nov, 2012

LAVORATO, Marilena Lima de Almeida. **A importância da consciência ambiental para o Brasil e para o Mundo**. 2006. Disponível em: <[http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=/gestao/index.html&conteudo=/gestao/artigos/ma\\_brasil.html](http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=/gestao/index.html&conteudo=/gestao/artigos/ma_brasil.html)>. Acesso em 13 jun 2019.

LOPES, Darlison. **O desenvolvimento insustentável** : capitalismo e natureza. 2011. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-insustentavelcapitalismo-e-natureza/61801/>>. Acesso em 15 jun 2019 MANKIW, N. Gregory. Introdução a economia. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. **Economia Destrutiva. A utopia da mudança de paradigma** : ensaio sobre o crescimento econômico e os consequentes impactos ambientais. / Marcus Eduardo de Oliveira – Curitiba: CRV, 2017. 248 p.

PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio. **Relações de consumo** : meio ambiente / org. Agostinho Oli Koppe Pereira, Luiz Fernando Del Rio Horn. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2009. 232 p.: il. 21 cm.

PREBISCH, R. (1949). **O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais**. In: Bielschowsky, R. (Org.) Cinquenta anos de pensamento na Cepal. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 69-136

ROSSETTI, José Paschoal. Introdução a Economia. 17ª edição. Ed. Atlas, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento à consciência universal. 22 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Francisco G. da; MARTINELLI, Luís Alberto Saavedra. **Introdução a Economia**. Instituto Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2012.

SOUZA, Mariângela Alice Pieruccini, et. al. **A importância da Economia no cotidiano**: Uma revisão sobre as principais noções e conceitos econômicos. X Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel. Cascavel-PR, 2011.

TOMAZ, Cícero. **Sistema capitalista contemporâneo e educação corporativa**: a nova era do capital e trabalho. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/sistema-capitalista-contemporaneo-e-educacaocorporativa-a-nova-era-do-capital-e-trabalho/30896/>>. Acesso em 15 jun 2019.

VERÍSSIMO, M.P., XAVIER, C.L. **Tipos de commodities, taxa de câmbio e crescimento econômico**: evidências da maldição dos recursos naturais para o Brasil. *Revista de Economia Contemporânea* 18(2): p. 268-295, 2014.

VIOLA, Eduardo J. et al. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 4. ed. – São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

VICECONTI, Paulo E. V., NEVES, Silvério das. **Introdução à Economia**. / Paulo E. V. Viceconti, Silvério das Neves – 8ª ed. – São Paulo : Frase Editora, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agronegócio 67, 76, 77, 82, 87

Amazônia 39, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 102, 112, 231, 258, 259

Antropologia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 63, 75, 88, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 135, 161, 162, 164, 166, 167, 181, 183, 202, 210, 213, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 247, 256, 259

Assédio 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Autoridade 41, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 173, 226

### C

Centralidade 43, 145, 164, 170, 179, 211, 214, 218, 219, 220

Comunidades 22, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 65, 71, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 157, 158, 183, 188, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 233

Consumo 33, 98, 99, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205

Cotidiano 11, 21, 34, 59, 89, 90, 91, 100, 128, 139, 163, 184, 189, 192, 197, 202, 204, 206, 215, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 232, 256

Cuidado 99, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 192

Cultura 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 73, 75, 95, 101, 102, 106, 107, 108, 110, 114, 126, 140, 141, 142, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 231, 236, 247, 258, 259, 260

Cultural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 31, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 46, 73, 91, 92, 94, 95, 104, 105, 109, 114, 115, 116, 130, 136, 137, 141, 142, 145, 149, 150, 152, 156, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 181, 184, 187, 188, 193, 207, 208, 213, 218, 226, 233, 234, 236, 248, 253, 258, 259

### D

Decisões judiciais 168, 170, 171, 172, 173, 179, 182

Digital 63, 167

### E

Economia 4, 11, 73, 75, 83, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 138, 142, 172, 179, 184, 186, 195

Educação 13, 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 74, 88, 89, 90,

91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 126, 128, 161, 162, 164, 166, 167, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 213, 221, 263

Epistemologia 1, 2, 23, 108, 114

Escrita 42, 44, 45, 48, 91, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 199

Estigma 204

Estudantes 1, 2, 3, 4, 9, 29, 33, 38, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 101, 222

Etnografia 5, 19, 42, 49, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 241, 245, 256, 258

Evitação 171, 204

## **F**

Fronteira 76, 77, 81, 84, 87, 88, 143, 145, 215

## **G**

Gestão 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 50, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 171, 172

Globalização 117, 119, 123, 125, 128, 218, 219

## **H**

Home care 168, 169, 171, 172, 173, 178, 179

## **I**

Identidade 11, 12, 23, 24, 30, 32, 34, 44, 49, 50, 61, 66, 74, 109, 121, 134, 137, 143, 164, 205, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 229, 234, 244, 248, 253, 259

Imigração 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

Interatividade 69, 161, 163

Interculturalidade 26, 28, 29, 31

Interlegalidade 40, 50

## **L**

Lei 32, 37, 39, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 79, 83, 102, 119, 138, 143, 171, 175, 177, 200, 201, 248, 260

## **M**

Memória 11, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 190, 195, 198, 215, 220, 221, 241

## **N**

Narrativas 9, 11, 12, 23, 40, 41, 105, 106, 112, 113, 114, 145, 146, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 188, 214, 222, 225

## O

Origem 16, 46, 48, 59, 64, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 163, 164, 181, 195, 216, 222, 223, 227, 242

## P

Povos indígenas 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 101, 102

## Q

Quilombo 44, 46, 47, 211, 213, 214, 217, 220, 221

Quilombolas 40, 44, 46, 47, 49, 83, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220

## R

Reinvenção 127, 180, 215, 229, 244, 259

Religião 15, 229, 230, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259

Religiões 70, 229, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 257, 259

Resistência 9, 17, 77, 91, 101, 111, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 259

## S

Saberes 1, 2, 13, 22, 23, 24, 29, 31, 37, 38, 93, 94, 108, 116, 183, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 226

Saúde 26, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 190, 191, 196, 197, 199, 200, 201, 209

Saúde indígena 26, 30, 36, 37, 39, 89, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102

Segregação 145

Simulacros 183, 194, 195, 201

Subalternidade 60, 109, 214, 222, 225, 226

## T

Tecnologia 12, 63, 120, 161, 162, 193

Terra 35, 43, 48, 63, 64, 67, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 104, 105, 106, 116, 120, 123, 131, 132, 191, 207, 216, 221, 237, 241, 242, 250, 258, 259, 260


Território 34, 43, 44, 64, 65, 88, 89, 92, 101, 130, 132, 138, 145, 165, 220, 223

Tradição 7, 18, 143, 164, 216, 218, 226, 229, 231, 234, 235, 237, 242, 244, 251,

253, 254, 258

## U

Universidade 1, 2, 3, 4, 7, 9, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 51, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 129, 130, 143, 144, 161, 179, 182, 183, 201, 203, 204, 211, 221, 222, 229, 230, 259, 260, 263



# A Interlocução de Saberes na Antropologia

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



# A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020